

## Efésios 2.1-10 – “Deus salva homens caídos por sua graça maravilhosa”

### INTRODUÇÃO

Nossa geração tem testemunhado um esfriamento muito intenso na vida de muitos cristãos. O envolvimento dos jovens com o mundo desafia qualquer liderança eclesial. Nunca atos de crueldade e imoralidade foram tão praticados sem o menor peso de consciência. Aliás, parece que esta se encontra cauterizada, insensível e inoperante na vida de muitos crentes da atualidade. Verdades antes incontestáveis têm sido reputadas como obsoletas; o amor ardente pelo Senhor Jesus de outrora tem se tornado um velho *souvenir*. Por que será que muitos crentes têm abandonado a Deus com tanta facilidade e por tão pouco? Qual seria a possível explicação para esse fenômeno da modernidade? As respostas a estas indagações requerem muita reflexão, pois são tantos os fenômenos e possíveis causas que geram esse tipo de comportamento entre os cristãos de hoje que, certamente, este assunto exhibe altos níveis de complexidade.

Talvez o que melhor explique o esfriamento de muitos crentes e a desistência de seguirem ao Senhor com dedicação e afincamento seja a facilidade com que os homens se esquecem de quem são e de quem Deus é; do quanto ele foi bom, amoroso e misericordioso ao nos salvar. Muitos crentes da atualidade têm se esquecido com muita facilidade do que significa ser um cristão. Quem é o cristão? Paulo responde essa pergunta na Carta aos Efésios.

A Carta aos Efésios foi lida primeiramente em Éfeso, mas deveria circular por outras cidades a fim de confirmar os crentes no verdadeiro ensino do evangelho de Cristo. Prova disso é a ausência de questões e assuntos particulares sendo tratados na epístola, sendo esta uma prática comum do apóstolo Paulo em suas cartas. Também percebemos a ausência de saudações pessoais, como ocorre em outras cartas. Essas são evidências de que esta epístola era circular, devendo ser lida em outras igrejas de outras cidades também.

No primeiro capítulo da Epístola aos Efésios, nos versículos 3-14, Paulo bendiz ao Deus Salvador, pela eleição realizada pelo pai, pela redenção cumprida pelo Senhor Jesus e pela aplicação da salvação em nós, bem como pelo selo do Espírito Santo. Nos versículos 15-23, Paulo menciona suas ações de graças e intercessão pelos crentes de Éfeso, para que os olhos deles pudessem ser iluminados a fim de conhecerem o poder salvador de Deus mostrado na ressurreição e coroação de Cristo, o mesmo poder que atua em nós. Agora, no capítulo 2, Paulo trata, nos versículos 1-3, de nosso estado natural de morte espiritual, antes da conversão. Os versículos 4-7 mostrarão que a presente situação do crente é a salvação pela graça. Os versículos 8-10 vão nos dizer que a salvação não é pelas obras, mas para as boas-obras. Se não é pelas obras, ninguém

terá do que se gloriar. Em suma, Paulo ensina que *Deus salva homens caídos por sua graça maravilhosa*.

O primeiro aspecto dessa verdade é que

### 1. NOSSO ESTADO NATURAL ERA DE MORTE ESPIRITUAL (vs.1-3)

Nenhuma palavra transmite melhor a idéia do nosso estado original diante de Deus do que esta: *morte*. Paulo diz: “ele vos deu vida estando vós mortos nos vossos delitos e pecados” (v.1). A morte na Bíblia significa “separação”, “dissociação”. Em Gênesis 2.16,17, Deus já havia dado a seguinte ordem: “De todas as árvores do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás”. No dia em que Adão comeu do fruto que o Senhor proibira, de fato, morreu para Deus. A primeira demonstração disso foi a procura de Deus pelo homem no jardim: “onde estás?” (Gn 3.9). Certamente, essa procura de Deus pelo homem já indica de imediato a sua graça em sua iniciativa de ir atrás dele. Essa descrição manifesta a total incapacidade natural do homem de aproximar-se de Deus espontaneamente. Um morto não pode responder a um toque, não pode falar, mover-se ou aproximar-se de alguém a fim de receber algo. Quem está morto não pode compreender nada nem sequer escolher alguma coisa. Este passou a ser o estado do homem após o pecado de Adão: estava destituído da comunhão com o Criador. O pecado atingiu o homem em todas as áreas de seu ser. É por isso que Paulo especifica que todos nós estávamos mortos nos nossos *delitos*, que são desvios do reto caminho que conduz à vida, ou seja, a condição natural dos que estão sob os efeitos da queda de Adão, o pecado original, e *pecados*, que são resultado de nossas inclinações, pensamentos, palavras, omissões e ações através das quais eramos o alvo de glorificar a Deus. O uso dos pronomes *vos* e *vossos* são indicativos de que Paulo aqui provavelmente se dirigia aos gentios da igreja de Éfeso.

Será que, depois dessa descrição, algum de nós poderia se achar melhor do que os outros? Será que, ainda assim, poderíamos pensar de nós mesmos como moralmente inculpáveis? Então olhemos para o **versículo 2**: “nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo”. Antes da conversão, essa era a realidade de todo crente. Aliás, já indagava o profeta Jeremias: “Pode, acaso, o etíope mudar a sua pele ou o leopardo as suas manchas? Então poderíeis fazer o bem, estando acostumados a fazer o mal” (Jr 13.23). O homem natural é incapaz de fazer o bem espiritual.

Não podemos negar que os homens em geral sejam capazes de fazer o bem, em alguma medida, e isto fica claro quando pensamos nas artes plásticas, arquitetura, profissões e ajudas humanitárias. O homem não regenerado pode fazer o bem *natural*, *civil* e até *moral*. Jesus disse, em Lucas 6.33, as seguintes palavras: “Se fizerdes o bem aos que vos fazem o bem, qual é a vossa recompensa? Até os pecadores fazem isso”. O que o homem natural é incapaz de fazer é o *bem espiritual*. Por exemplo, ele não pode

discernir seu estado de pecado. O texto de Provérbios 4.19 demonstra isso: “O caminho dos perversos é como a escuridão; nem sabem eles em que tropeçam”. O homem natural também não discerne as verdades espirituais, “porque lhe são loucura” (1Co 2.14). Essa era a nossa realidade antes da conversão. É por esta razão que Paulo diz: “nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo...”

**Deixe-me ilustrar isso.** Quando eu era adolescente e minha família morava na fronteira com o Paraguai, certa vez tivemos que atravessar a represa de Itaipu, que fica no Rio Paraná, rio este que separa o Brasil do Paraguai, com barco a remo. A correnteza não era tão forte, mas estava presente lá. Para chegarmos à mesma direção do lado oposto da margem da represa, tínhamos que remar contra a correnteza em diagonal até à metade da travessia. Na outra metade do percurso, o trabalho era mais fácil, pois teríamos que desfazer a curva rio acima a fim de atracar na mesma direção do outro lado. O trabalho era facilitado por causa da correnteza, que a essa altura nos era favorável. Remar contra a correnteza, que dificuldade! Melhor era deixar a correnteza nos levar. Era mais fácil e natural. Assim também vivíamos antes da conversão: como que levados pela correnteza do mundo com suas tendências ao pecado e ao desvio da verdade.

Mas Paulo não pára por aí em sua descrição. Ele diz que andávamos “segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência”. Triste realidade: o homem natural está sob influência de Satanás (Jo 8.34,44). O príncipe da potestade do ar é um ser espiritual que possui autoridade sobre os que estão mortos espiritualmente. A potestade do ar é a jurisdição ou a esfera onde esse ser atua. Ele circula por aí seduzindo as pessoas e atuando sobre os que são chamados de “filhos da desobediência”, como se esta fosse uma pessoa que gera seus semelhantes.

Se antes Paulo usou os pronomes *vos* e *vossos*, agora ele se une aos gentios e inclui todos os crentes judeus na descrição da corrupção do homem não regenerado, através do pronome *nós*: **(v.3)** “entre os quais também todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos”. O homem não regenerado possui sua volição inclinada ao pecado. É por isso que Moisés registrou: “Viu o SENHOR que a maldade do homem se havia multiplicado na terra e que era continuamente mau todo desígnio do seu coração” (Gn 6.5). O escravo do pecado não se entristece por ser escravo do pecado. Ele nem se dá conta disso. Ele quer naturalmente permanecer do jeito que está. É como os jovens que se escravizam às drogas: quanto mais se envolvem com elas, mais as desejam. Não é como os escravos que sofriam no período da escravidão brasileira, que até fugiam arriscando sua vida rumo aos quilombos. O homem não regenerado, portanto, é escravo do pecado, permanecendo assim com toda a satisfação, visto que seus desejos pelo pecado, suas inclinações, são sempre atendidos.

A razão de sua satisfação está relacionada ao significado da palavra “carne”. A carne significa a natureza humana caída. Se esta natureza foi afetada pelo pecado, é

natural que ela produza desejos pecaminosos: vontade da carne. O resultado não poderia ser mais desastroso: “éramos, por natureza, filhos da ira, como também os demais”. Paulo aqui mostra a conseqüência do pecado na vida do homem. Ele é merecedor da ira divina. Chamá-lo de filho da ira significa colocá-lo numa situação de total impotência. Um filho não pode mudar sua filiação. O homem não regenerado, como filho da ira, portanto, necessita da graça de Deus para tirá-lo da miséria espiritual e do desespero. “Por isso, quem crê no Filho, tem a vida eterna; o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus” (Jo 3.36).

O cenário seria desolador, não fosse a realidade da graça de Deus, porque Deus salva homens caídos por sua graça maravilhosa. Vejamos um segundo aspecto dessa verdade:

## 2. DEUS, POR SUA BONDADE, NOS DEU VIDA (vs. 4-7)

Talvez o que melhor caracterize a obra da bondade de Deus seja a sua graça. Se a situação passada era de morte espiritual e incapacidade de aproximação de Deus, por seus próprios méritos, veremos agora a situação presente do crente: possuidor de vida em Cristo.

No versículo 4 há duas características de Deus que chamamos de atributos de sua bondade: misericórdia e amor. A palavra *misericórdia* aqui possui uma força muito grande, especialmente porque Paulo deixou claro que “éramos, por natureza, filhos da ira”. A ira de Deus representa o fator motivador do exercício de seu justo juízo. A indignação de Deus contra o pecado o leva a punir os pecadores satisfazendo sua justiça, concedendo a cada indivíduo o que merece. Nós, sendo pecadores, conforme descrito nos versículos 1-3, merecemos o castigo. Se, por um lado, a ira de Deus o motiva a dar o castigo, por outro, sua misericórdia o motiva a não dar a punição que merecemos. O exercício da misericórdia é justamente o fato de Deus não derramar sobre nós a sua ira, o que merecemos.

Certa criança, de apenas dois anos de idade, cometeu uma falha com seu pai de tal modo que precisou receber algumas varadas. Quando seu pai a posicionou no colo para dar duas varadas, a criança gritou: “misericórdia!” E o pai, diante daquele brado inusitado, não deu as varadas que a criança merecia. Ele atendeu e foi misericordioso. Assim também Deus faz conosco quando clamamos pela sua misericórdia, que é imensa. O texto diz que Deus agiu sendo *rico em misericórdia*. Rico ao ponto de não derramar sobre nós a tão merecida ira, mesmo sendo nós tão pecadores! “Porque o SENHOR é bom; a sua misericórdia dura para sempre” (Salmo 100.5).

O segundo atributo da bondade de Deus citado por Paulo aqui é o *amor*. Mais uma vez, a qualidade da bondade de Deus é intensificada. Não é um amor simples; é um *grande* amor! Amor soberano, de iniciativa, que perdoa, doa, salva, cura, trans-

forma, atrai e vivifica. “Nós amamos porque ele nos amou primeiro” (1Jo 4.19). Além disso, Jesus disse: “ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a sua própria vida em favor dos seus amigos” (Jo 15.13). E Deus mandou Jeremias dizer a Israel: “com amor eterno eu te amei; por isso, com benignidade te atraí” (Jr 31.3). A excelência do amor de Deus se revela no fato de Cristo ter morrido por nós, sendo nós ainda pecadores (Rm 5.8). Mas talvez uma das mais impressionantes demonstrações do amor de Deus e de como ele o comove, está em Oséias 11.8,9: “Como te deixaria, ó Efraim? Como te entregaria, ó Israel? Como te faria como a Admá? Como fazer-te um Zeboim? Meu coração está comovido dentro de mim, as minhas paixões, à uma, se acendem. Não executarei o furor da minha ira; não tornarei para destruir a Efraim, porque eu sou Deus e não homem, o Santo no meio de ti; não voltarei em ira”.

Por causa dessa bondade imensa, expressa no amor e na misericórdia de Deus, ele realizou três coisas em nós, libertando-nos definitivamente do curso desse mundo: nos deu vida, juntamente com Cristo; nos ressuscitou, juntamente com Cristo; nos fez assentar nos lugares celestiais, juntamente com Cristo. Note que a nossa união com Cristo é tal, que aquilo que é dito de Jesus pode ser dito de nós também. Em Colossenses 3.1-4 está escrito: “Portanto, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus. Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra; porque morrestes, e a vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus. Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então, vós também sereis manifestados com ele, em glória”.

Consideremos cada um desses benefícios:

**a) “Nos deu vida juntamente com Cristo”:** Podemos sentir em nós o mesmo poder que foi exercido em Cristo após sua morte, quando Deus o fez regressar do Paraíso e retomar seu corpo que estava na sepultura. A ressurreição de Cristo é a prova cabal de que seu sacrifício havia sido aceito pelo Pai. Em conseqüência, a morte condenatória que deveria recair sobre nós foi cancelada. Ele nos deu vida!

**b) “Nos ressuscitou, juntamente com Cristo”:** Essa ressurreição é especial. Não é como a de Lázaro, que saiu do túmulo, mas depois teve de amargar outra experiência de morte. Nesse caso, Lázaro apenas recobrou a vida, o fôlego; sua alma simplesmente voltou ao corpo. Ele não experimentou uma profunda transformação em sua natureza humana naquela ocasião. A ressurreição da qual Paulo fala aqui no versículo 6 é uma transformação de dentro para fora que muda todo o nosso ser. Essa transformação começa quando cremos e é a ressurreição espiritual. Jesus disse: “Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora e já chegou, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus; e os que a ouvirem viverão” (Jo 5.25). Já desfrutamos dessa ressurreição espiritual hoje, mas um dia experimentaremos a totalidade da ressurreição, quando a conhecermos, fisicamente, no último dia. Cristo já experimentou essa ressurreição (Ef 1.20). Nós esperamos por ela. Ela é certa, porque a de Cristo a garante; ele foi o pri-

meiro. Se o que é dito de Cristo pode ser dito de nós, então ressuscitaremos, porque haveremos de ser como ele é.

**c) “Nos fez assentar nos lugares celestiais juntamente com Cristo”:** Aqui está o sinal de nossa vitória. Afinal, em Cristo, somos mais que vencedores. Se antes estávamos sujeitos ao príncipe da potestade do ar, ao “espírito que agora atua nos filhos da desobediência”, ou seja, se antes éramos escravos de Satanás, agora somos assegurados de que partilhamos do triunfo de Cristo sobre o pecado e Satanás. “Ao vencedor, dar-lhe-ei sentar-se comigo no meu trono, assim como também eu venci e me sentei com meu Pai no seu trono” (Ap 3.21).

Qual o propósito dessas bênçãos? A glória da sua graça: “para mostrar, nos séculos vindouros, a suprema riqueza da sua graça, em bondade para conosco, em Cristo Jesus” (v.7). A glória dos atributos de Deus brilham de forma realçada enquanto a bondade de Deus lida com o nosso pecado, por meio da obra de Cristo. O que Deus fez por nós é obra da graça. *Graça*, que palavra especial! Talvez esse seja o atributo divino que melhor traduz sua bondade. Tudo o que conquistamos em Cristo, se resume nesta frase: “pela graça sois salvos”. A sua graça é o seu amor focalizado sobre o culpado e indigno. Este é seu estado, ou sua posição legal diante de Deus: *caído pelo pecado*. Mas Deus lhe impõe uma nova condição: *salvo pela graça*. Se a misericórdia faz com que Deus se compadeça, a graça faz com que ele nos perdoe. A misericórdia não dá o castigo merecido; a graça nos dá a salvação. A misericórdia nos achou mortos; a graça nos deu vida.

A graça nos salva completamente, tirando-nos do estado de desgraça (condenação eterna), e dando-nos as mais ricas bênçãos espirituais (a vida eterna), tudo isso sem mérito algum nosso. É por isso que somente podemos ser salvos pela iniciativa divina: porque só mesmo a sua graça poderia ser muito mais abundante sobre o nosso pecado (Rm 5.20). É por isso que a Bíblia tanto afirma que Deus tomou toda a iniciativa (Gn 3.9; Jr 31.3 e Rm 8.30). Daqui para a frente, a graça de Deus será demonstrada a cada momento em nós. A salvação somente possui ponto de partida. Não tem ponto final. Por isso, Paulo disse que Deus mostraria a suprema riqueza de sua graça *nos séculos vindouros* (v.7).

Paulo não se contenta com a palavra graça, nem mesmo ao dizer “riqueza da graça”, mas prefere falar da “*suprema riqueza da sua graça*”. A mesma que suplantou maravilhosamente o pecado de Paulo: “Sou grato para com aquele que me fortaleceu, Cristo Jesus, nosso Senhor, que me considerou fiel, designando-me para o ministério, a mim, que, noutra tempo, era blasfemo, e perseguidor, e insolente. Mas obtive misericórdia, pois o fiz na ignorância, na incredulidade. Transbordou, porém, a graça de nosso Senhor com a fé e o amor que há em Cristo Jesus” (1Tm 1.12-14).

Alegremo-nos por sermos salvos. Nós temos a graça; nós temos tudo, porque Deus nos trata conforme a sua bondade. Sejamos humildes diante dele e agradecidos

porque merecíamos a morte, mas ele não nos deu. Não merecíamos a salvação, e ele a deu.

### **3. SALVOS PELA GRAÇA: NÃO DE OBRAS, MAS PARA BOAS OBRAS (vv. 8-10)**

O versículo 8 inicia dizendo: “porque pela graça sois salvos”. Salvação é o livramento da ira de Deus. Agora dá para entendermos claramente porque Paulo fez questão de descrever o crente antes da conversão: para que ficasse claro que não possuíamos mérito algum na nossa salvação. Se estávamos mortos em nossos delitos e pecados, andando segundo o curso deste mundo, escravos de Satanás, andando segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos, correta e justamente chamados de “filhos da ira”, como poderíamos, nessa situação, merecer a salvação? É por essa razão que somente podemos ser salvos se for pela graça. Não há outra alternativa. Há outras passagens que afirmam isso. Por exemplo, 2 Timóteo 1.9 diz: “que nos salvou e nos chamou com santa vocação; não segundo as nossas obras, mas conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos eternos”. Tito 2.11: “Porquanto a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens”. É pela graça que somos salvos.

Em seguida, Paulo declara o meio pelo qual nos tornamos participantes dessa graça: “mediante a fé”. É por meio da fé que recebemos a salvação. A Bíblia diz: “e acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo” (Jl 2.32). É aqui que entra a fé. A fé é a “certeza das coisas que se esperam; a convicção de fatos que se não vêem” (Hb 11.1). Como alguém compreenderia seu estado de morte espiritual, sua condição de merecedor do juízo de Deus, do inferno, o que certamente lhe causaria pavor; como alguém concluiria que precisaria do perdão de Deus e invocaria o seu nome clamando por misericórdia, se não tivesse convicção disso? A fé é absolutamente necessária para que alguém peça socorro a Deus.

John Wesley já era ministro ordenado, e já havia sido missionário na Geórgia, mas não possuía certeza da salvação. Ele se perguntava: “como é que eu posso compartilhar da vitória de Cristo? Como é que eu posso sentir a força da ressurreição na minha vida? Como é que eu posso ter vida juntamente com Cristo?”. E ninguém conseguia ajudá-lo. Quando ele já pensava em deixar o ministério, foi a uma reunião de oração e ouviu as palavras de Lutero na introdução ao seu comentário de Romanos: “a fé é a operação de Deus em nós”. Ele concluiu naquele instante: “fé é Deus falando em mim, é Deus apelando para si mesmo através de mim. É Deus levantando a minha mão para receber aquilo que ele me quer dar”. Naquele momento, caiu de joelhos declarando que agora sim ele entendia o que era a fé.

Talvez você esteja numa situação parecida com a de John Wesley. Nesse caso, desista de si mesmo, de seus próprios méritos. Não confie em sua própria justiça. Transfira totalmente a sua confiança depositando-a somente sobre Jesus. Depois, te-

nha certeza; ele garante que tudo o que era necessário já foi feito, segundo os seus próprios méritos.

Somos salvos pela graça mediante a fé. Mas Paulo ainda acrescenta: “e isto não vem de vós; é dom de Deus” (v.8). A que Paulo se refere com a frase “e isto não vem de vós”. À salvação? À fé? À graça? Três soluções têm sido propostas por estudiosos.

**1ª solução:** “isto” se referiria à graça, e não à fé. Então, a graça seria de Deus e a fé, nossa. Este é, em geral, o posicionamento dos arminianos. O problema dessa solução é que o próprio Paulo enfatizou tanto a incapacidade do homem e o fato dele estar morto em seus pecados, que ficaria estranho, agora, no mesmo contexto, atribuir ao homem alguma capacidade inerente, ou algum mérito.

**2ª solução:** “isto” se referiria à salvação pela graça mediante a fé. Esta foi defendida por Calvino. Esta proposta é plausível, visto que se harmoniza com o contexto, o qual centraliza tudo o que é necessário para a nossa salvação em Deus. Porém, não justifica o uso do pronome “isto”. Paulo costumava ser mais claro.

**3ª solução:** “isto” se refere à fé. Este é posicionamento de Hendriksen e Abraham Kuiper, e entendo ser o mais coerente com a linha de raciocínio de Paulo. É como se Paulo dissesse: “é pela graça que vocês são salvos através da fé; e a fim de que ninguém comece a dizer: ‘mas então merecemos crédito, pelo menos por crermos’, acrescentarei imediatamente que, mesmo esta fé não vem de vocês mesmos, mas é dom de Deus”. Há outras passagens na Bíblia que mostram que a fé é dádiva divina: “Porque vos foi concedida a graça de padecerdes por Cristo e não somente de crerdes nele” (Fp 1.29). Em Atos 13.48, lemos: “Os gentios, ouvindo isto, regozijavam-se e glorificavam a palavra do Senhor, e creram todos os que haviam sido destinados para a vida eterna”.

Finalmente, Paulo explica a relação das obras com a salvação. Os versículos 9 e 10 manifestam a verdade sobre as obras humanas e o lugar delas. Segundo Hendriksen<sup>1</sup>, elas podem ser **rejeitadas, preparadas, esperadas e aperfeiçoadas**.

Quando as obras humanas são completamente **rejeitadas**? Quando tentam presumir ou atribuir alguma obra ao homem. O versículo 9 diz: “não de obras, para que ninguém se glorie”. Certamente Deus rejeita qualquer obra sobre a qual qualquer pessoa baseia sua esperança de salvação. É por isso que Paulo enfatizou a Tito: “Quando, porém, se manifestou a benignidade de Deus, nosso Salvador, e o seu amor para com todos, não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo a sua misericórdia, ele nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo” (Tt 3.4,5). Como poderíamos nos gloriarmos, se Deus fez tudo o que era necessário para nossa salvação? “Aquele que não poupou o seu próprio filho, antes por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?” (Rm 8.32). Façamos como Paulo, que venhamos a dizer sempre: “mas longe esteja de mim gloriarme, se não na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo” (Gl 6.14).

<sup>1</sup> William Hendriksen, *Comentário de Efésios* (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2006), p. 134-137.



Paulo também fala de obras **preparadas**: “pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais de antemão Deus preparou...” (v.10). Aqui vemos o fundamento da máxima: “não fomos salvos *pelas* obras, mas *para* as boas obras”. Nós somos feitura dele. O termo “feitura” é a tradução de um termo que pode ser traduzido também como “poema” ou “obra de arte”. Somos de Deus, seu povo exclusivo; devemos tudo a ele. Somos novas criaturas, pois a Bíblia diz: “se alguém está em Cristo é nova criatura; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo” (2Co 5.17). Se somos obras de arte do Senhor, criados sobre um molde magnífico, Jesus Cristo, então é de se esperar que nossas obras correspondam ao padrão sobre o qual foram preparadas previamente. Deus preparou essas boas obras primeiramente enviando seu Filho Jesus, em quem as boas obras encontram a sua expressão máxima; afinal, ele andava por toda a parte fazendo o bem a todos. Além de ser nosso exemplo, ele nos habilita a fazer o mesmo. Depois, quando Deus trouxe a fé ao nosso coração, também nos preparou para as boas obras, visto que estas são resultado da fé verdadeira em Cristo e a prova de que ela é verdadeira em nós. Ora, “sem fé é impossível agradar a Deus” (Hb 11.6). Certamente, aquele que foi alvo da graça de Deus, recebeu a Cristo e creu nele, produzirá frutos. Jesus disse: “não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros e vos designei para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça” (Jo 15.16). Esse fruto que o crente passa a produzir é: “amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio” (Gl 5.22,23).

Paulo conclui esse trecho da sua carta dizendo que Deus **preparou as boas obras de antemão**, “para que andássemos nelas” (v.10). Veja que contraste reluzente! Se antes andávamos nos delitos e pecados, segundo o curso do mundo, se antes andávamos segundo as inclinações de nossa carne, agora, o que se espera daquele que é feitura de Deus, nova criatura, é que ande segundo a prática das boas obras. Por que os espíritos são mais reconhecidos do que nós, crentes, na prática das boas obras? Não deveria ser o contrário? É claro que a motivação deles é, no mínimo, questionável. Mas isto não justifica a nossa omissão. Lembremo-nos de que é pelos frutos que se conhece a árvore; pelas obras se conhece o verdadeiro crente, tanto as de obediência a Deus como as ações humanitárias.

Finalmente, consideremos as obras **aperfeiçoadas**. Não seremos perfeitos aqui nesse mundo. Por mais que nos esforcemos por viver uma vida cristã produtiva, a queda e o fracasso nos poderão pegar de surpresa. Mas isso não deve nos desanimar. Um dia, seremos perfeitos como Cristo. Um dia, nossa vitória total chegará. Então, jamais haverá fracasso nem desapontamento. Não devemos desistir de buscar a santidade perfeita; ainda que ela não chegue à plenitude aqui. Ainda que falhemos, por enquanto, um dia estaremos completamente livres do pecado. Assim, nossas obras terão sido aperfeiçoadas. Jamais serão novamente maculadas pelo pecado. “Estou

plenamente certo de que aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao Dia de Cristo Jesus” (Fp 1.6).

### **CONCLUSÃO**

Já que hoje muitos crentes têm desistido facilmente da carreira cristã, certamente precisam lembrar da imensa graça de Deus. Foi por essa graça, que nos viu em meio a miséria e morte espiritual, que Deus nos deu vida juntamente com Cristo, nos ressuscitou juntamente com Cristo e nos faz assentar nos lugares celestiais também juntamente com Cristo. Foi por essa graça maravilhosa que Deus nos salvou, por meio da fé, mesmo sendo esta fé uma dádiva especial de Deus a nós, capacitando-nos a receber as bênçãos da salvação. Agora, salvos pela graça, cumparamos nossa missão. Que a nossa vida seja produtiva, obedecendo a Deus em tudo e demonstrando amor aos outros através de atos claros de bondade e misericórdia. Amém.